ISSN: 2358-8829

PLANEJAMENTO COLABORATIVO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Andrea Cristina Ribeiro Rucker[1]
Leridiane de Meira Bueno[2]
Tatiane Aparecida Rocha[3]
Sandra Salete de Camargo Silva[4]

INTRODUÇÃO

A Educação Inclusiva visa à garantia do direito à educação para todos(as), entendendo que as diferenças humanas estão presentes em todos os espaços, como o escolar. Sendo assim, a universalização da educação possibilita construir e efetivar condições de aprendizagem e participação de todos(as). Dessa maneira, as escolas devem possibilitar que seus espaços não sejam somente espaços de convivência, mas que valorizem as diferentes formas de aprender, ensinar, participar, explorar e expressar, conforme as habilidades de cada pessoa.

Nesse panorama, a existência de espaços de estudos, formações e discussões quanto à perspectiva da educação como direito de todos(as) se torna fundamental. Portanto, a pesquisa decorre de uma revisão bibliográfica, a partir de encontros dos estudos realizados no Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (Profei) da linha de pesquisa *Práticas e Processos Formativos de Educadores para Educação Inclusiva*, articulada aos projetos do Espaço de Estudos e Pesquisas em Educação, Direito e Inclusão (Epedin) e do Acessibilidade, Inovação e Tecnologias de Inclusão (Acitec-IN/CNPQ).

A partir disso, a inclusão na educação objetiva repensar as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar, de modo que não sejam homogêneas, mas organizadas de acordo com as singularidades de cada turma. Isso significa entender que cada estudante

[1] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Rede Mestrado em Educação Inclusiva – Profei, da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, andrea.ribeiro.unespar.t5@gmail.com
[2] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Rede Mestrado em Educação Inclusiva – Profei, da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, leridiane.bueno.unespart5@gmail.com
[3] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Rede Mestrado em Educação Inclusiva – Profei, da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, tatianerocha.unespart5@gmail.com
[4] Doutora em Educação, docente associada da Unespar e permanente do Programa de Pós-Graduação em Rede Mestrado em Educação Inclusiva – Profei, Líder do EPEDIN, sandra.salete@unespar.edu.br

possui um ritmo de aprendizagem e diferentes maneiras de se comunicar e interagir com o(a) outro(a), o que demanda práticas que visem à participação de todos(as). Sendo assim, o planejamento pedagógico é de suma importância para o processo de inclusão, visto que é por meio dele que a equipe escolar reflete e define os objetivos importantes que devem ser trabalhados para favorecer a aprendizagem significativa dos(as) estudantes.

Outrossim, o planejamento, quando elaborado de maneira colaborativa, torna-se ainda mais rico, uma vez que a equipe constrói junto estratégias, recursos e possibilidades para que os(as) estudantes tenham acesso e participem ativamente do currículo escolar. Nesse caso, o planejamento colaborativo permite que essa ação não seja burocrática, sendo alinhada por diferentes experiências e saberes dos(as) profissionais a partir de reflexões e tomadas de decisões em conjunto, pensando no melhor para todos(as), além de superar práticas pedagógicas fragmentadas.

O planejamento colaborativo deve ser permeado por estratégias pedagógicas que permitam contemplar a sala de aula de maneira universalista, ou seja, que contemple a todos(as) por meio da oferta de várias possibilidades e recursos para a aprendizagem. Desse modo, o ato de planejar colaborativamente com estratégias que visem à efetivação da inclusão, antecipa as barreiras e os diversos caminhos para superá-las.

Diante do mencionado, o estudo aborda o planejamento colaborativo como uma estratégia eficiente para o sucesso da educação inclusiva, buscando definir e identificar os desafios e possibilidades quanto à sua implementação. A metodologia utilizada para atender ao objetivo da pesquisa estrutura-se em uma abordagem bibliográfica e exploratória, visando abordar autores(as) de reconhecida importância da temática em evidência, como: Capellini e Zerbato (2019), Mendes (2023), Vilaronga, Mendes e Zerbato (2016), entre outros(as), que discutem a inclusão escolar e as práticas pedagógicas colaborativas.

Os estudos preliminares apontam que, embora o planejamento colaborativo traga resultados positivos para o contexto da educação inclusiva, sua implementação enfrenta obstáculos significativos, como a falta de tempo para planejamento comum, a resistência a novas metodologias e a carência de formação específica para os(as) profissionais envolvidos(as). Contudo, as possibilidades se revelam favoráveis, destacando-se o enriquecimento das práticas pedagógicas, a personalização do ensino para atender às necessidades diversas dos(as) estudantes, com ou sem deficiência, o fortalecimento do vínculo entre escola e família, e a promoção de um ambiente escolar mais acolhedor e

equitativo. A superação dos desafios reside na promoção de políticas educacionais que incentivem a colaboração, na oferta de capacitação contínua e na valorização do trabalho colaborativo, visando à construção de uma escola que celebre a diversidade e garanta o direito de aprender aos(às) estudantes.

METODOLOGIA

A metodologia adotada caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem bibliográfica e exploratória, estruturada para abordar o planejamento colaborativo como uma estratégia eficiente para o sucesso da educação inclusiva, buscando definir e identificar os desafios e possibilidades quanto à sua implementação, apoiada nos(as) seguintes teóricos(as): Capellini e Zerbato (2019), Mendes (2023), Vilaronga, Mendes e Zerbato (2016), entre outros(as). Conforme aponta Gil (2007), o objetivo primordial dos estudos exploratórios é a descoberta de novos *insights*, a familiarização com fenômenos pouco conhecidos ou a formulação de hipóteses mais precisas para investigações futuras. Compreendemos que o delineamento exploratório não busca esgotar o tema, mas nortear o caminho metodológico.

Nesse sentido, a abordagem metodológica justifica-se pela necessidade de promover visibilidade ao planejamento colaborativo, não apenas como ferramenta técnica, mas como recurso de construção social e política, que é fundamental na promoção da equidade e a democratização na perspectiva inclusiva no âmbito escolar.

A pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2008), é uma investigação desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, oferecendo a vantagem de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. No entanto, a revisão bibliográfica forneceu um mapeamento crítico das produções teóricas que discutem o tema pesquisado, garantindo densidade argumentativa ao objetivo do estudo.

Nesse contexto, realizamos a análise interpretativa fundamentada na hermenêutica dialética de Minayo (2012), a qual evidencia o planejamento colaborativo como estratégia eficaz para a efetivação de ações pedagógicas inclusivas. Portanto, a articulação trazida nestes referenciais evidencia que esta forma de planejar amplia a participação e a aprendizagem dos(as) estudantes. Além disso, fortalece a construção colaborativa entre

os(as) profissionais envolvidos(as) no contexto educacional, a fim de valorizar a diversidade humana presente na sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreende-se que a efetivação da inclusão educacional demanda transformações no cenário educacional brasileiro. Dessa forma, um caminho fundamental para esse objetivo é o fortalecimento de práticas inclusivas no ensino comum. Conforme Stopa *et al.* (2022), além de mudanças físicas no ambiente escolar, são importantes as quebras de barreiras atitudinais por meio de estratégias pedagógicas que garantam o acesso e o desenvolvimento de todos(as).

Assim posto, o planejamento colaborativo visa contribuir para a eliminação da barreira atitudinal, em que propõe o trabalho alinhado entre o(a) professor(a) do ensino comum e o(a) professor(a) de Educação Especial, com o intuito mútuo de ensinar o(a) estudante na sala de aula comum, sendo o ambiente que ele(a) passa a maior parte do tempo (Stopa *et al.*, 2022).

Nessa assertiva, no planejamento colaborativo a confiança e a comunicação são fundamentais e se adequam mais a uma concepção filosófica do que a uma metodologia de trabalho. Nas palavras de Rabelo (2012, p. 53): “É uma atitude filosófica e crítica de olhar para um colega de trabalho como parceiro e com ele construir uma experiência conjunta de trabalho pedagógico no contexto escolar e de sala de aula”. Assim, é possível construir um ambiente de trabalho acolhedor, baseado no compromisso compartilhado com a aprendizagem, sem individualismo e competição para alcançar esse resultado.

Vilaronga, Mendes e Zerbato (2016) enfatizam que é essencial planejar o ensino a ser ministrado na classe comum, de modo que todos(as) os(as) estudantes, com ou sem deficiência, tenham acesso a um ensino de qualidade. Dessa forma, Sassaki (2009) enfatiza que o sistema educacional deve promover práticas a partir da valorização da diversidade e acolhimento das diferenças. Sabe-se que isto é um processo complexo, que exige mudanças significativas no contexto educacional, pois deve ser capaz de atender à todos(as), incorporando as diferenças no contexto escolar e exigindo novas formas de organização.

Dessa maneira, para que o planejamento colaborativo se efetive, é necessária uma organização no trabalho pedagógico, pois se necessita de espaço e tempo destinado a

reflexões sobre o acompanhamento, desenvolvimento de ações, trocas de saberes e possibilidades de avaliações inclusivas, sendo fundamental o papel da gestão escolar para incentivar e organizar esse tempo, tão significativo, com a equipe escolar.

Nesse contexto, o planejamento colaborativo é fruto de uma construção colaborativa no cotidiano escolar, com o intuito de desenvolver um planejamento articulado pensando no desenvolvimento pleno de todos(as). É o resultado de um processo de organização e reflexão sobre a prática pedagógica, em que a equipe escolar traça caminhos e divide responsabilidades com a perspectiva inclusiva, sendo flexível, uma vez que não é construído a partir de uma ação individual.

Ressalta-se que o planejamento colaborativo nesse molde também necessita de uma organização de tempo, em que viabilize o encontro dos(as) profissionais, para que juntos(as) elaborem estratégias e revisem se suas práticas estão sendo suficientemente inclusivas com vistas a atender as especificidades dos(as) estudantes, proporcionando a inclusão. Nesse sentido, o papel da gestão escolar é fundamental para poder organizar esses momentos de diálogo entre a equipe escolar, sendo um processo contínuo de construção no fazer pedagógico, sempre identificando as necessidades dos(as) estudantes, buscando pensar desde a definição dos objetivos, a elaboração de estratégias, o acompanhamento do desenvolvimento, até a avaliação do processo educativo, sendo benéfico a todos(as).

Com vistas ao currículo, Mendes (2023) pontua que é importante utilizar ferramentas certas para proporcionar o engajamento dos(as) estudantes nas aulas, com foco na aprendizagem. Essas práticas colaboram com a organização do fazer pedagógico nas escolas, buscando pensar nos(as) estudantes presentes e suas subjetividades, procurando sempre melhor atendê-los(as), provendo práticas que auxiliam no aprender, favorecendo a participação nas atividades proporcionadas no ambiente escolar. Esse olhar dentro da escola nos convida a mudar nossa forma de ver o contexto escolar, passando a enxergar, dentre as lacunas, possibilidades diferentes de trabalho com o(a) estudante público da educação especial, no intuito de oferecer estratégias que visem à inclusão.

Segundo Mendes (2023), é preciso pensar estratégias que proporcionem apoio aos desafios encontrados no cotidiano escolar, apresentando um ambiente propício ao

processo de ensino-aprendizagem e à inclusão, a fim de contemplar as especificidades presentes na sala de aula.

Com vistas a pensar em estratégias que proporcionem esta acessibilidade aos conhecimentos trabalhados, deve-se pensar também na flexibilização do planejamento, do currículo e da metodologia que será utilizada. Flexibilizar não é retirar tudo ou deixar menos, mas pensar em uma maneira mais versátil de trabalhar aquele conteúdo durante a aula, com vistas a atendê-los(as) em sua aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob essa perspectiva, foi possível observar que a inclusão escolar não depende do laudo do(a) estudante, mas das condições de aprendizagem oferecidas no ambiente educacional, entendendo, assim, que as barreiras devem ser quebradas com ações colaborativas de toda a equipe escolar, como no caso, o planejamento colaborativo é destacado neste trabalho.

Nesse sentido, Stopa *et al.* (2022) afirmam que a responsabilidade educacional não é individual e sim do coletivo escolar, evidenciando a importância de uma atuação colaborativa nas escolas, iniciando com formações de pequenas equipes e, posteriormente, uma atuação colaborativa desenvolvida por todos(as) os(as) profissionais da instituição. Com o olhar de professor(a) devemos observar as barreiras possíveis no processo de aprendizagem, elementos que estão dentro do contexto inserido e acabam impossibilitando ou dificultando o aprendizado dos(as) estudantes. E, com vistas a eliminar as barreiras no ensino, devemos focar nas acessibilidades; dessa forma, Sassaki (2009) nos auxilia a pensá-las, pontuando que são seis: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal.

A arquitetônica tem seu olhar para a parte mais visível, que está relacionada ao ir e vir, parte física; a comunicacional está relacionada à comunicação, não somente à comunicação oral, mas também à visual, como placas de acesso, uso de Braile e Libras; metodológica está relacionada a parte de como ensinar, uso de diversas formas de ensino para fazer com que a aprendizagem chegue aos(às) estudantes sem distinção; a instrumental com olhar para os recursos que podem auxiliar a aprendizagem para todos(as); a acessibilidade programática se preocupa com o olhar da acessibilidade que podemos programar, ou seja, pensar antes, como o currículo, regulamentos e normas

previamente definidos; e a última e não menos importante, a acessibilidade atitudinal, que está relacionada ao olhar acessível, observando as barreiras e eliminando-as, olhando o ambiente escolar com olhos sensíveis para os possíveis obstáculos que possa ter ali e pensar meios para que todos(as) possam ter acesso não somente à matrícula na escola, mas que tenham acesso e permanência com qualidade. Segundo Mendes (2023, p. 111): "[...] Acessibilidade é um substantivo e indica o ato ou efeito de tornar acessível".

Portanto, as observações e as intervenções pedagógicas planejadas colaborativamente contribuem para um olhar mais crítico em relação às barreiras físicas e atitudinais presentes no cenário educacional. E, em diálogo com a equipe escolar, é possível levantar e desenvolver estratégias para minimizar e superar impedimentos, buscando a participação efetiva na aprendizagem significativa dos(as) estudantes.

Sob essa ótica, práticas pedagógicas inclusivas, como o planejamento colaborativo, fundamentam-se no reconhecimento de que a diversidade constitui a própria condição humana e, no entanto, precisa ser considerada como linha orientadora do processo de ensino-aprendizagem. Conforme Mantoan (2015), a inclusão escolar implica uma transformação da escola e de suas práticas, rompendo com modelos que classificam, diferenciam e segregam os(as) estudantes em razão de suas características e necessidades. Nessa perspectiva, a escola não pode aguardar que ele(a) se adapte a um currículo previamente estruturado para um suposto padrão de aprendizagem, mas deve assumir a responsabilidade de construir propostas pedagógicas capazes de acolher as diferentes formas de aprender e participar.

Diante do exposto, observa-se a importância de planejar colaborativamente, contemplando a diversidade das formas de aprender mediante estratégias que minimizem ou eliminem barreiras, contribuindo, assim, para a construção de um ambiente de ensino e aprendizagem inclusivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, é possível concluir que o planejamento colaborativo demanda do diálogo e da corresponsabilização das turmas, baseando-se na observação das potencialidades dos(as) estudantes, não apenas nas suas necessidades educacionais, a fim

de derrubar ou minimizar as barreiras que possam surgir no caminho, antes mesmo delas se apresentarem durante a execução da aula, oferecendo acessibilidade.

Diante do apresentado, observa-se que o planejamento colaborativo é importante para a construção de estratégias pedagógicas inclusivas, a fim de proporcionar ao(à) estudante meios de permanência com qualidade no ambiente escolar, para que ele(a) apresente subjetividades e estas estratégias proporcionem mudança no olhar do(a) professor(a), desde o preparo das aulas até o processo de ensino-aprendizagem, com vistas a eliminar barreiras e trabalhar colaborativamente no ambiente escolar, com foco na inclusão e na garantia do direito de todos(as) à educação.

Palavras-chave: Planejamento colaborativo; Educação Inclusiva; Desafios; Possibilidades; Formação de professores.

REFERÊNCIAS

CAPELLINI, Vera Lúcia M. Fialho; ZERBATO, Ana Paula. **O que é ensino colaborativo**. São Paulo: Edicon, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MENDES, Enicéia Gonçalves. **Práticas inclusivas inovadoras no contexto da classe comum**: dos especialismos às abordagens universalistas. Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

RABELO, Lucelia Cardoso Cavalcante. **Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão escolar**. 2012. 200 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/items/d3351d1e-6219-4a67-91fd-dd4f87ad9cdb. Acesso em: 23 out. 2026.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, ano 12, p. 10-16, mar./abr. 2009.

STOPA, Paula Cristina *et al*. **Ensino e consultoria colaborativa**: da teoria à prática. São Carlos: EDESP-UFSCar, 2022. Disponível em: https://www.edesp.ufscar.br/arquivos/colecoes/segunda-licenciatura-em-educacao-especial/ensino-e-consultoria-colaborativa.pdf. Acesso em: 1 out. 2026.

VILARONGA, Carla Ariela Rios; MENDES, Enicéia Gonçalves; ZERBATO, Ana Paula. O trabalho em colaboração para apoio da inclusão escolar: da teoria à prática docente. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 7, n. 19, p. 66-87, 2016.